

# EVENTO LEMBRA LUTA CONTRA A DITADURA

Daniel Garcia



Professores Pavan, Jeremias, Carvalhosa, Minto, Judith, Cândido e Miraglia

Um ato em comemoração dos 30 anos da Adusp, realizado em 23 de novembro de 2006, no Anfiteatro Luiz Trabulsi (ICB-3), reuniu na mesa alguns dos docentes que protagonizaram a primeira década de existência da entidade: Crodowaldo Pavan, Modesto Carvalhosa, José Je-

remias Filho, Judith Kardos Klotzel, Antonio Cândido, Francisco Miraglia. A atividade foi coordenada pelo professor César Minto, presidente da Adusp. Os depoimentos destacaram a coerência política da entidade em três décadas de atividade, e seu papel na luta pela democratização do país.

O professor Carvalhosa, que presidiu a Adusp no biênio 1977-

79, lembrou que sua criação refletiu o “sentimento de liberação” que começava a dar lugar à angústia, vivida cotidianamente nos longos anos de regime militar. Porém, a Ditadura ainda se fazia sentir com bastante força dentro da USP, onde contava com a conivência de diversos diretores de unidades. A publicação, em 1978, do *Livro Negro*,

que denunciou a “triagem ideológica” na contratação de docentes e funcionários, conseguiu mostrar “a USP como instrumento da Ditadura”, na visão de Carvalhosa (**vide quadro nesta página**).

A professora Judith lembrou a sua participação como representante da Adusp no Comitê pela Anistia, mas destacou outras lutas importantes: “Estivemos presentes no Movimento contra a Censura, participamos de todas as lutas salariais, de todas as greves do funcionalismo público”. (Mais tarde, seus colegas de mesa recordaram o engajamento pessoal de Judith no apoio à histórica greve dos metalúrgicos de 1978.)

O momento de formação da entidade — e a sua estreita ligação com as reivindicações democráticas de setores da universidade e da sociedade brasileira no período — foi destacado pelo professor Jeremias, presidente durante a gestão 1981-83. Segundo ele, a preocupação dos docentes em ter uma entidade representativa evidenciou-se no momento em que um grupo se reuniu no saguão da então Faculdade de Filosofia, em 1975, para elaborar um documento de protesto contra o assassinato de Vladimir Herzog, jornalista e professor da ECA, nas dependências do DOI-Codi do II Exército. De acordo com Jeremias, o primeiro ato público realizado na universidade brasileira após a edição do Ato Institucional nº 5 foi a assembleia de fundação da Adusp, em outubro de 1976. “Foi a primeira quebra da legitimidade da ditadura dentro da universidade”.

## O RELATO DE CARVALHOSA

*O professor Modesto Carvalhosa preparou um texto para ler no*

**Angústia cotidiana.** “Para se entender um período agudo ou de luta, como o que vivemos na Ditadura Militar, há que detectar os sentimentos de coragem, de medo, de perplexidade, de reflexão, de ação; o *ethos* e o *pathos*, que marcam profundamente a USP e nela a Associação dos Docentes da USP (Adusp) na esteira do que já vinha ocorrendo a partir de 1964. Naqueles anos de angústia cotidiana fomos efetivamente dominados por esse sentimento de *liberação*, que de resto, tomou conta de todos os segmentos da sociedade civil que não se conformavam com a Ditadura Militar que se instalara, cada vez mais vigorosa e amedrontadora.”

**Discurso político.** “Foi naquela época que a Adusp surgiu. Havia a Associação dos Auxiliares de Ensino, que acabou se transfor-

mando na Adusp em decorrência da visão política dos integrantes do corpo docente da USP. Pensava-se, com razão, que um bom caminho para levar a efeito esse processo de liberação era o discurso da sociedade civil, como forma de expressão do discurso político. Houve na Faculdade de Filosofia um seminário que estabeleceu esse consenso de que os temas da sociedade civil eram o instrumento político que poderia levar ao discurso político.”

**Ditadura interna.** “Por outro lado, percebemos, desde logo, a força da ditadura interna presente na USP. Grande parte dos professores militava contra a Ditadura. Porém havia uma contradição: grande parte dos diretores era conivente com o regime militar. Alguns mais, outros menos, mas no mínimo a metade só faltava vestir farda.

Por iniciativa da Adusp, acredita ele, várias questões da universidade ganharam repercussão na mídia e passaram a ser discutidas pela sociedade. Já nos anos 1980, observou Jeremias, a Adusp denunciava o que ele chama de “mecanismos de deformação das autarquias”: a criação de fundações, a cooptação de professores e funcionários e a venda de serviços. Ele acredita que nestes 30 anos houve uma mudança qualitativa na luta em defesa do caráter público da universidade,

que é agora mais “sutil, mais complexa do que no início”, e que os “inimigos hoje trabalham dentro da universidade”.

O professor Cândido, que exerceu a vice-presidência na primeira diretoria eleita da Adusp (1977-79), destacou as conquistas e a experiência das associações que precederam a Adusp: a Associação dos Auxiliares de Ensino e a Associação dos Professores do Ensino Superior (Apes). “A Associação dos Auxiliares de Ensino conseguiu algo extraordiná-

ato de 23/11/06, do qual extraímos algumas passagens:

Mantinham esses acólitos um patrulhamento ideológico e logístico, impedindo mesmo o uso das instalações do campus para as reuniões e assembléias das Adusp, além de fornecerem todo o tipo de informação à Reitoria e aos órgãos de repressão sobre o movimento docente.”

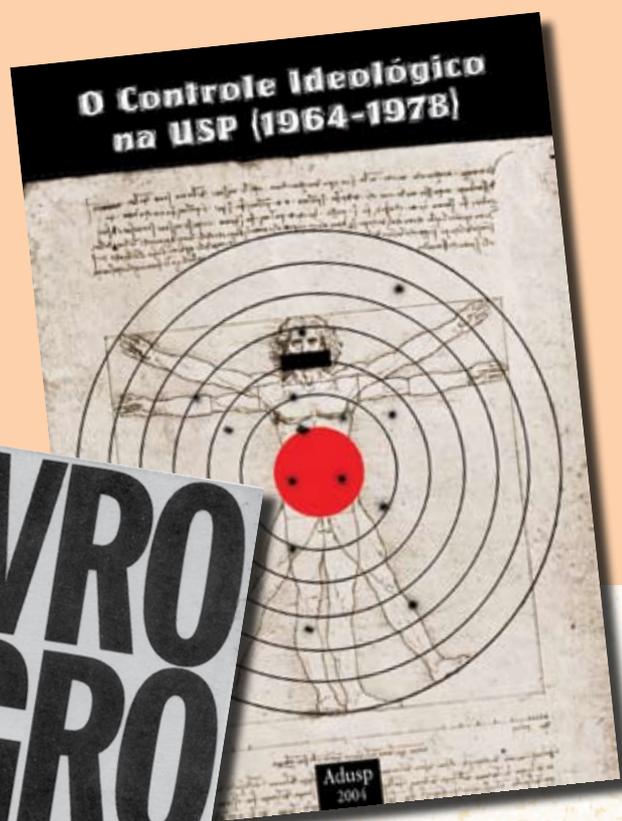
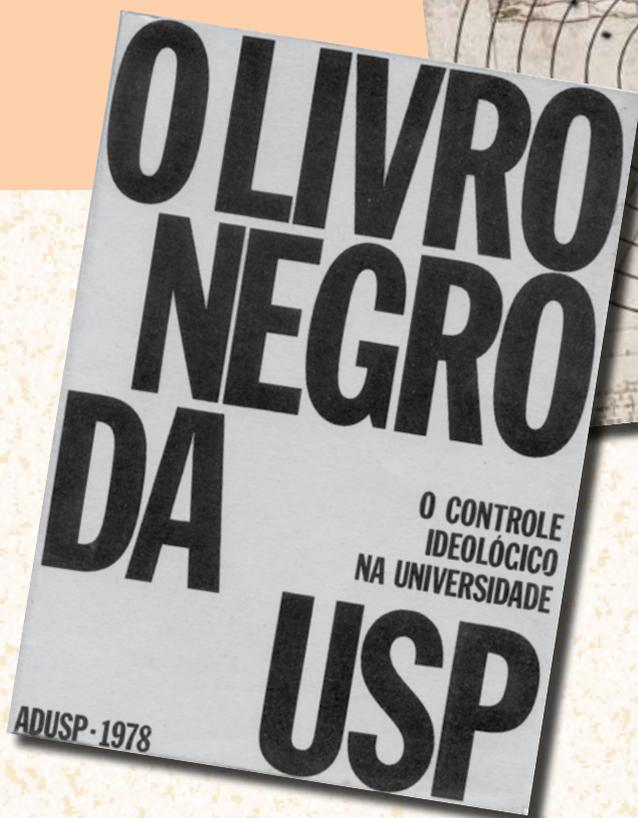
“Levou-se adiante a integração da entidade com a comunidade, com as lideranças das demais universidades e com a categoria dos funcionários públicos, o que culminou com a histórica greve do primeiro semestre de 1979 contra o governador Maluf enfrentando o regime militar. A partir daí, outras universidades criaram suas associações de docentes.”

**Cassações sórdidas.** “A outra ação fundamental, realizada pela Adusp nessa época (1977 a 1979), foi a publicação do *Livro Negro da USP*. Publicar esse livro consistiu

num ato de coragem extraordinário. Fizemos uma comissão para o levantamento da tragédia das cassações sórdidas que ocorreram nessa universidade, inicialmente em 1964 e depois em 1968. Em plena ditadura o *Livro Negro da USP* foi publicado. Fizemos milhares de cópias e as distribuímos para

professores e alunos, e para livrarias, que por sinal venderam todos os exemplares. Nesse livrinho, mostramos a Universidade de São Paulo como instrumento da ditadura brutal, em que integrantes da cúpula universitária cassaram seus desafetos pessoais e denunciaram alunos e professores.”

Fac-símile das capas do “*Livro Negro da USP*”, editado em 1978, e da edição revista e ampliada de 2004



rio: criou a carreira docente, a base para o ensino universitário regular”. Até então, o auxiliar de ensino era demissível, não tinha nenhum direito. Já a Apes, disse Cândido, foi importante porque “criou o espírito de fraternidade e solidariedade de grupo entre os colegas”.

A greve de 1979, “talvez a primeira do ensino superior no Brasil”, representou “uma virada completa na mentalidade” dos docentes, analisou ele. “Foi quando se percebeu que o professor não era mais um

*A Associação dos Auxiliares de Ensino e a Associação dos Professores do Ensino Superior (Apes) foram as predecessoras da Adusp, recordou Antonio Cândido: a primeira “conseguiu algo extraordinário: criou a carreira docente, a base do ensino universitário regular”*

príncipe, era um trabalhador”. Na opinião do professor, de 87 anos, a greve

foi uma “contribuição muito poderosa para a criação de um espírito democrático na USP”, na medida em que não havia hierarquia nas assembleias da Adusp, a palavra de um MS-1 valendo tanto quanto a de um MS-5.

O professor Pavan, de 86 anos, havia retornado de uma viagem de trabalho ao Vaticano na véspera da comemoração, de modo que não teve tempo, explicou, de preparar uma intervenção apropriada. Mas declarou-se contemplado pela explanação do professor Jeremias, fazendo questão, ainda, de ressaltar a importância da criação da Adusp e reiterar seu apoio à entidade. Pavan encabeçou a diretoria provisória (1976-77).

O professor Miraglia, que presidiu a Adusp na primeira gestão do grupo “Participação” (1987-89), enfatizou a necessidade do debate político de qualidade e do trabalho coletivo. Para ele, as divergências políticas entre a “Participação” e o grupo anterior — represen-

tado pelos professores Jeremias, Judith, Rocha Barros e outros — não impediam o diálogo em torno da defesa dos interesses da categoria: “Tínhamos visões distintas sobre como conduzir a entidade, mas o debate era enriquecedor e feito dentro de um determinado campo”.

“Trabalhamos para manter a tradição da Adusp e enraizar sua atuação na universidade e no Fórum das Seis”, disse. Examinando o período mais recente, referiu-se aos esforços contra os contratos precários, a falta de democracia na USP e a ação das fundações dentro da universidade. “Não bastava ser contra as fundações, tivemos que descobrir direitinho como elas funcionavam, levantar informações, levar ao Ministério Público”.

Miraglia afirmou que o 30º aniversário da Adusp é motivo de orgulho, mas advertiu que a situação atual “não recomenda ufanismo, mas sobriedade”, pois a situação no interior da universidade continua grave e há importantes temas a enfrentar agora e no futuro.

# DESAF SIN

**A**s mudanças no mundo do trabalho, a situação do funcionalismo público no Brasil e o papel dos sindicatos no século XXI foram os temas centrais do debate organizado pela Adusp no dia 29 de novembro de 2006, como parte das comemorações de seu trigésimo aniversário. Realizado no Auditório Freitas Nobre (ECA-USP), o debate contou com a participação dos professores João Zanetic, Luiz Schuch, secretário-geral do Andes-SN, Arnaldo França Mazzei Nogueira, da FEA-USP e FEA-PUC, e Ricardo Antunes, do IFCH-Unicamp, além de Francisco Miraglia, que mediu o debate.

Zanetic, que há quase 50 anos participa das lutas em defesa do ensino público, resgatou momentos históricos dos movimentos de docentes, estudantes e funcionários na USP, como o curso de auto-gestão organizado em pleno 1968. Ele destacou que as mortes de Vladimir Herzog, em 1975, de Manuel Fiel Filho, em 1976, e o Massacre da Lapa

# IOS PARA O MOVIMENTO DICAL DOS DOCENTES

Antonio Biondi  
Jornalista

Daniel Garcia



**Professores Antunes, Nogueira, Miraglia e Schuch**

(assassinato de três dirigentes do Partido Comunista do Brasil-PCdoB), no mesmo ano, causaram indignação e mobilização dos docentes e foram centrais na criação da Adusp.

O professor recuperou outros eventos de grande importância na

vida da entidade e da categoria, como a greve de 1979 contra o governador Paulo Maluf, para ele o “batismo de fogo da Adusp”; a greve de 1988 — que conquistou a autonomia das universidades estaduais paulistas; a criação do Andes em 1981 e a do Fórum das Seis em 1992.

Trazendo à mesa sua leitura do livro *O caminho da servidão*, de Friedrich von Hayek, Zanetic destacou que a desigualdade, o combate aos sindicatos, a proposta de Estado Mínimo e suas privatizações, bem como de um mercado sem restrições, idéias, todas, defen-

didadas no livro de 1944, são hoje marcas de nosso tempo, adotadas pelos neoliberais.

O professor Schuch, ex-reitor da Universidade Federal de Pelotas, registrou sua “satisfação por estar no debate de 30 anos da Adusp, entidade que tem dado contribuições fundamentais e com quem compartilhamos tantas histórias e lutas”. Ao falar sobre o contexto da última década, afirmou que muito rapidamente “caminhou-se para outro paradigma de relações, com a solidariedade que marcara períodos anteriores da universidade pública brasileira sendo substituída por um ambiente de disputa”.

Para o secretário-geral do Andes, “o que a Ditadura não conseguiu fazer com as baionetas e queima de livros, as políticas de uma década conseguiram, criando grandes dificuldades para a organização sindical”.

Arnaldo Nogueira discorreu sobre as dificuldades existentes para os sindicatos em um momento de esvaziamento da esfera pública democrática e de crescente privatização do setor público. Ao destacar a importância do trabalho de entidades como a Adusp, Nogueira registrou que a Associação dos Professores da PUC (Apropuc), embora quase tão antiga quanto sua congênere, não conseguiu

impedir a demissão de mais de 400 docentes, em 2005.

Autor do livro *A liberdade desfigurada — a trajetória do sindicalismo no setor público brasileiro*, Nogueira avalia que o movimento sindical precisará renovar-se em vários aspectos, como nas formas de articulação e de mobilização. Para ampliar seus apoios, e para resistir às iniciativas de deslegitimação por parte dos governos e

***Sindicatos de funcionários públicos devem procurar aproximar-se do mundo do trabalho privado e dos setores populares atendidos, diz Arnaldo Nogueira, e dialogar com os trabalhadores precários, sugere Ricardo Antunes***

da mídia, o professor sugere que os sindicatos do funcionalismo público aproximem-se do mundo do trabalho privado e dos setores da população que demandam os serviços públicos de educação, saúde e outros.

O professor Antunes, autor de *O caracol e sua concha — ensaios sobre a nova morfologia do trabalho* e de várias outras obras sobre

o tema, explicou que “estamos atravessando o momento de precarização estrutural do trabalho”, citando como exemplo o fato de que 60% dos 80 milhões de trabalhadores no Brasil se encontram na informalidade.

Enfrentar o quadro altamente desfavorável de reestruturação produtiva global, neoliberalismo avassalador facilitado pelo fim da União Soviética, e inflexão material, subjetiva e política das esquerdas exige, destacou ele, que os sindicatos entendam “essa nova morfologia do trabalho”.

Assim, “é preciso um sindicato que dialogue com os professores precarizados das federais, com os substitutos da USP e com os trabalhadores terciarizados, que represente as mulheres, crianças, negros e imigrantes”.

Antunes finalizou dialogando com o poema de Bertold Brecht lido por Zanetic (“A exceção e a regra”), dizendo concordar com o dramaturgo alemão quanto à situação do mundo, marcada por perplexidades e abusos. Para o professor da Unicamp, “o mundo está péssimo, mas há muita coisa nova acontecendo, e muitas lutas sociais aflorando”, as quais podem trazer vitalidade aos sindicatos e à sociedade. Ele também defendeu que a recolocação do socialismo como horizonte é fundamental para as entidades, por considerá-lo “vital para o futuro da humanidade”.